

A Temática do Conflito nas Imagens Legendadas do Portal de Notícias G1

Ana Carmem do Nascimento SILVA¹

Resumo

Interpretamos a forma como a temática do Conflito é exposta por meio de cinco imagens fotográficas e suas respectivas legendas. Estas imagens pertencem a seção “Imagens do dia” do portal de notícias G1. Procuramos compreender melhor o discurso da complementação imagem-legenda, nos levando a tomar uma posição no tocante as circunstâncias de conflito registradas e comentadas pelos fotojornalistas. A Semiótica e a linguagem fotográfica nos dão um aporte significativo nesta interpretação. O conflito é presente nas imagens não só quando o ser humano está envolvido em situações de agitação ou tumulto, mas também, quando este está rememorando, remediando, prevenindo ou produzindo o ato de conflito.

Palavras-chave: Fotojornalismo; Conflito; Imagem; Legenda; Temática.

O Fotojornalismo e o Conflito

No fotojornalismo em cada veículo de comunicação existe uma preferência pelos assuntos da atualidade e com maior impacto social, as fotos são produzidas e publicadas com um estudo prévio. E quando se une a informação visual (fotografia) com a informação escrita (legenda) surgem às temáticas.

Tendo em vista que, desde a primeira vez que a máquina fotográfica foi usada como ferramenta de registro de conflitos, se tornou uma constante que as guerras, discórdias, lutas, movimentos, revoluções etc. passassem a ser representados pelas fotografias, ou seja, até os dias atuais, tais fatos tem relevância na sociedade, pois, o cotidiano dos sujeitos sociais está repleto de imagens reveladoras de desavenças em todas as partes do globo terrestre.

Lombardi (2011) e Vasconcelos (2009) nos comprovam a existência de uma abordagem histórica do fotojornalismo sobre circunstâncias conflituosas. Vasconcelos (2009, p.23) diz que “Muitos prêmios de fotojornalismo são concedidos a fotos de violência, morte e fome.”; tal fato nos permite refletir o porquê e como são essas

¹ Mestranda na linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Produção de Sentido – UFRN/PPgEM. Jornalista. Graduada em Rádio e Televisão pela UFRN. Bolsista Capes. E-mail: anacarmemjornalismo@hotmail.com

imagens. Somos conscientes que a temática do conflito tem um lugar reservado nas pautas jornalísticas, mas o que essas imagens dizem? E se elas estão com legendas, como se dá essa representação do mundo?

Essa importância dada às lutas, guerras, confrontos etc., tanto com objetivo de registrar em fotografia como em apreciar essas fotografias tem justificativa, para Lombardi (2011, p.15):

Quando o inglês Roger Fenton (1819-1869), acompanhado de quatro assistentes, partiu em uma carroça-laboratório para fotografar os campos de batalha da Criméia. Desde então, a documentação fotográfica de conflitos e massacres tornou-se parte do fluxo incessante de imagens que circundam nosso cotidiano.

Da mesma forma compartilha Vasconcelos (2009, p.8):

Os relatos da Guerra da Criméia na imprensa levaram o conflito para as residências e para as conversas. A sua cobertura foi importante para o nascimento da ideia de que é preciso estar perto do acontecimento, para a noção do poder que carrega a carga dramática e para despir a guerra de seu aspecto épico. Esse novo cenário contribui para desencadear um processo mais amplo de difusão de fotos, em livros e exposições.

Flusser (2007) nos diz que, “Para que a informação se torne evidente, é preciso apenas ler as coisas, “decifrá-las”.” (FLUSSER, 2007, p. 54), logo, com a ânsia de “decifrar” significados, almejamos fazer uma contemplação precisa às partes e ao todo da fotografia (imagem-técnica) e da legenda, para assim compreendermos melhor o discurso desta complementação imagem-legenda, nos levando a tomar uma posição no tocante às circunstâncias de conflito registradas e comentadas pelos fotojornalistas.

“É inegável a importância da documentação fotográfica de conflitos e guerras, para que a condição da imagem fotográfica de testemunho dos acontecimentos e de instrumento de rememoração não deixe de ser cumprida.”. (LOMBARDI, 2011, p.18). A temática do conflito, portanto, irá contribuir para entendermos qual aspecto de mundo o jornalismo pretende representar.

Nesta investigação procuramos analisar cinco imagens fotográficas – juntamente com as legendas – da seção “Imagens do dia” do portal de notícias G1 (mantido no *site globo.com*), do período compreendido entre os dias 9 a 15 de agosto de

2010. Queremos contemplar (mesmo que de modo um tanto breve) as partes e o todo da fotografia e da legenda (*corpus* de pesquisa), para assim compreendermos melhor o discurso desta complementação imagem-legenda, nos levando a tomar uma posição no tocante as circunstâncias de conflito registradas e comentadas pelos fotojornalistas. Circunstâncias estas, que são narradas, algumas vezes com sensacionalismo, outras vezes não, pois “em busca de aumentar o número de leitores, a mídia vem investindo na fotografia sensacionalista e na *foto-choque*.” (LOMBARDI, 2011, p.15).

Sabendo que em “Imagens do dia” é proposto um entendimento do mundo por meio do registro dos diversos acontecimentos, como a temática do conflito é expressa nas imagens? Alegar o modo como o conflito está expresso nas imagens aqui presentes é um tanto subjetivo. Pois, cada indivíduo faz sua interpretação do mundo, e de acordo com o que vive em determinado momento pode passar a interpretar as mensagens ao seu redor de forma diferente, então as imagens possuem diversas decodificações, elas são polissêmicas, não por si próprias, mas por que existe o ser humano que deposita significado as coisas.

Assim, a legenda é o código linear que vem complementar a mensagem da imagem-técnica (FLUSSER, 2007), permitindo que seja efetuada neste artigo uma interpretação consentida por um maior número de indivíduos. Lembrando que os textos das legendas são também explicados pelas imagens, o movimento é circular, imagens estas cada vez mais presentes e das mais variadas formas.

As superfícies adquirem cada vez mais importância no nosso dia-a-dia. Estão nas telas de televisão, nas telas de cinema, nos cartazes e nas páginas de revistas ilustradas, por exemplo. As superfícies eram raras no passado. Fotografias, pinturas, tapetes, vitrais e inscrições rupestres são exemplos de superfícies que rodeavam o homem. Mas elas não equivaliam em quantidade nem em importância às superfícies que agora nos circundam. Portanto, não era tão urgente como hoje que se entendesse o papel que desempenhavam na vida humana. (FLUSSER, 2007, p.102).

Destarte, o aperfeiçoamento das câmeras fotográficas, dos acessórios fotográficos, dos *softwares*, dos computadores e das conexões de rede proporcionou a inclusão da fotografia no âmbito do jornalismo da Internet, que gerou, entre outras, uma nova possibilidade comunicativa que é a construção de galerias nos *sites* noticiosos. As

fotografias dessas galerias tratam de assuntos distintos (que dependem do perfil do veículo de comunicação) e são complementadas por legendas² ou textos-legenda. Para Kubrusly (2003, p. 77), com relação ao texto visual e o texto escrito não existe o que se destaca como o mais importante, a importância está na combinação dos textos, que “nos atingem por caminhos diferentes e exatamente por isto se completam tão bem”.

O Suporte da Contemplação

Sousa (1998,) assim como Kubrusly (2003), nos auxilia com relação a essa complementação das palavras com o visual, enfatizando a necessidade de a imagem transmitir um tema, uma ideia com eficiência e não o excesso de informação.

Baitello (1999) e Santaella (1992 e 2008) nos ajudam com a semiótica, suporte teórico complementar, que esclarece um pouco mais sobre a produção de significado na linguagem escrita e linguagem visual. Santaella (2008, p.29), em *Semiótica Aplicada* nos dá um aporte significativo para que possamos contemplar as imagens fotográficas escolhidas e suas legendas. “Contemplar significa torna-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos.”.

Buscamos em Sousa (2004) e Busselle (1977) uma melhor interpretação dos elementos específicos da linguagem fotográfica, que inclui os elementos formais da imagem, as formas de expressão visual e regras básicas de fotografia. Flusser (2007) e Dubois (1993) nos auxiliam também com relação a fotografia, mas, um pouco mais no que se refere a questão semiótica do seguinte sistema: produtor, imagem e receptor. Além disso, Flusser (2007) e Dubois (1993) reforçam a ideia de complementação dos códigos (imagem e legenda).

² (jn) Texto breve que acompanha uma ilustração. Vem geralmente abaixo da foto ou desenho, mas pode igualmente estar colocada ao seu lado, acima, ou mesmo dentro do seu espaço. A legenda jornalística é uma frase curta, enxuta, destinada a indicar ou a ampliar a significação daquilo que acompanha. A boa legenda nunca deve ser redundante, óbvia. “A legenda tem que ser complemento efetivo da notícia e da fotografia. Deve, sim, ajudar o leitor a compreender e apreciar a foto, esclarecendo as dúvidas e chamando a sua atenção” (Tom Fepersman). Mesmo curta, a legenda deve ser criativa. Pode ser informativa, explicativa, interpretativa (na medida em que chame a atenção para este ou para aquele detalhe da foto), irônica, instigadora etc. V. texto-legenda, foto-legenda e cabeça-de-clichê. (BARBOSA & RABAÇA, 2001, p.417).

Neste trabalho, não depositamos definições e conceitos profundos da semiótica, mas este campo da ciência nos serve de suporte teórico fundamental³ para a compreensão dos signos⁴ e elementos que constroem o sentido do texto escrito e visual. “Nesse sentido, a fotografia pertence a toda uma categoria de “signos” (*sensu lato*) chamados pelo filósofo semiótico americano Charles Sanders Peirce de “índice por oposição a “ícone” e a “símbolo”.”, assim nos fala Phillippe Duboi (1993, p.61).

“Para se abordar o fotojornalismo se tem de pensar numa combinação de palavras e imagens: as primeiras devem contextualizar e complementar as segundas.” (SOUSA, 1998, p. 3). A união imagem e texto faz com que o receptor seja capaz de compreender mais adequadamente a mensagem que o fotógrafo teve a intenção de transmitir na imagem. “Tenhamos em mente que a imagem só tem dimensão simbólica tão importante porque é capaz de significar – sempre em relação com a linguagem verbal.” (AUMONT, 1993, p. 249).

Para que a imagem exista é preciso que alguém a produza, neste caso o fotojornalista, profissional que trabalha para veículos de comunicação que possuem e seguem uma política e linha editorial, com isso, por meio da fotografia – juntamente com o texto – o veículo pretende conduzir o leitor a uma perspectiva de mundo. “Uma foto de imprensa é trabalhada, escolhida, produzida, construída e editada de acordo com normas profissionais, estéticas e ideológicas, que contêm fatores conotativos”. (BARTHES (1980:130) *apud* SANTAELLA e NÖTH, 2008, p. 112). Isso quer dizer, na medida em que se escolhem fotografias para publicação, simultaneamente, é dada preferência a certas temáticas.

“A imagem que aparece na foto é apenas uma parte de algo maior que a foto não pode abraçar por inteiro” (SANTAELLA, 2008, p.35). Mesmo que a fotografia seja um recorte da realidade, como nos diz Lúcia Santaella (2008) “enquanto índice, a

³A semiótica é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce. Essa arquitetura está alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido etc., enfim, tudo que se apresenta à mente. Essa quase-ciência fornece as fundações para as três ciências normativas: estética, ética e lógica e, estas, por sua vez, fornecem as fundações para a metafísica. (SANTAELLA, 2008, p.2).

⁴(Ilg) Tudo aquilo que, sob certos aspectos e em alguma medida, substitui alguma outra coisa representando-se para alguém (Charles Peirce). A noção de signo é básica e essencial em qualquer ciência à comunicação, inclusive ao estudo da comunicação não-verbal, e por isso está em constante aprofundamento e questionamento. (BARBOSA & RABAÇA, 2001, p.674).

fotografia é *por natureza* um testemunho irrefutável da existência de certas realidades.”. (DUBOIS, 1993, p. 74).

Para Sontag (2004, p. 17) “Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição à outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas.” Santaella e Winfried Noth (2008) afirmam ainda que:

Sob quaisquer pontos de vista, angulação, enquadramento, proximidade ou distância, a fotografia é sempre um feixe de indicadores da posição ideológica, consciente ou inconsciente, ocupada pelo fotógrafo em relação àquilo que é fotografado. (p.120).

Barbosa & Rabaça (2001, p. 674) nos contribuem com o entendimento dos objetos do signo, estes que estão presentes na linguagem visual e escrita.

(...) Na segunda triconomia (a mais conhecida e importante) de Peirce, o signo é visto por suas relações específicas para com os seus objetos. Classifica-se em: *a) ícone* – quando possui alguma semelhança ou analogia com o seu referente. Ex.: uma fotografia, um esquema, um desenho, uma imagem mental, uma estátua; *b) índice*, índice ou indicador – quando se refere ao objeto em razão de ver-se realmente afetado por ele; quando mantém uma relação direta com o seu referente. Ex.: fumaça, indício de fogo; chão molhado, indício de que choveu; pegadas, indício de que alguém passou; *c) símbolo* – quando a relação com o referente é arbitrária, por força de uma convenção. Ex.: a maioria, das palavras, a cruz, a suástica, as bandeiras, os sinais de trânsito.

Assim, corroborada a existência dos signos e elucidado o modo como estes se apresentam nas legendas e imagens, conseguimos fazer uma melhor leitura dos textos.

Bauer e Gaskell (2007, p. 325) nos falam que “o primeiro estágio é escolher as imagens para serem analisadas. A escolha dependerá do objetivo de estudo e da disponibilidade do material”. Assim, entre os dias 9 e 15 de agosto de 2010 escolhemos apenas cinco fotos – duas do dia 9, uma do dia 11, uma do dia 12 e outra foto do dia 15 – para que pudéssemos exercer uma reflexão maior neste artigo. Nos dias 10, 12 e 13 de agosto não elegemos imagens fotográfica que enfatizassem conflitos, ou pelo menos que ressaltassem de modo mais intenso. As fotos foram salvas simultaneamente com as legendas.

No momento em que foram importadas da internet as fotos já estavam nomeadas e legendadas, provavelmente pelos fotógrafos que as produziram, pois, é de praxe que a elaboração da legenda⁵ e a denominação da imagem sejam de responsabilidade do próprio fotógrafo. Na seção “Imagens do dia” não há informações sobre quais equipamentos (câmara, lente, filtros) foram utilizados na produção das fotografias, nem quais configurações de abertura do diafragma, velocidade do obturador, sensibilidade do sensor (ISO), etc., foram aplicadas.

Quando determinada fotografia oferece a nossos olhos interrogadores a visão de determinada personagem, por exemplo, um homem de uniforme ao lado de um cavalo arreado, só temos certeza de uma coisa: esse homem, esse cavalo, esse arreo existiram, estiveram efetivamente ali, um dia, naquela posição. Mas é tudo o que a foto nos diz. Nada sabemos sobre a significação (geral ou particular) que se deve atribuir a essa existência.

Nesse sentido, podemos dizer que a foto não explica, não interpreta, não comenta (...) Permanece essencialmente *enigmática*. (DUBOIS, 1993, p. 84).

Logo, o sentido da mensagem precisa ser formado sempre com a participação da legenda, sem ela não há fotojornalismo, Sousa (2004, p. 114) diz que “embora fotografia e texto sejam estruturas heterogêneas (o texto ocupa, geralmente, um espaço contíguo ao da fotografia, não invadindo o espaço desta, a não ser para construir mensagens gráficas), não existe fotojornalismo sem texto”. É de extrema relevância neste trabalho, salientarmos as formas como a legenda funciona com relação à imagem,

Para Sousa (2004, p.76-77) a legenda irá:

- 1) Chamar a atenção para a fotografia ou para alguns dos seus elementos (o texto pode, em certas circunstâncias, ser redundante em relação à imagem);
- 2) Complementar informativamente a fotografia, inclusivamente devido à incapacidade que a imagem possui de mostrar conceitos abstratos;
- 3) Ancorar o significado da fotografia (denotar a foto), direcionando o leitor para aquilo que a fotografia representa;
- 4) Conotar a fotografia, abrindo o leque de significações possíveis; orientar o leitor para os significados que se pretendem atribuir à fotografia;
- 5) Analisar, interpretar e/ou comentar a fotografia e/ou o seu conteúdo.

⁵ No Manual de Redação da Folha de São Paulo (2007) diz que: Identificação de foto – É de responsabilidade do repórter-fotográfico elaborar legenda informando data, local, horário e contexto de cada foto de sua autoria, assim como identificar os personagens que nela aparecem, com as respectivas idades. (p.43).

As informações escolhidas para construir a legenda irão transmitir determinada ideia, então contextualizamos os acontecimentos, nos remetendo a elementos extra-textuais, dados históricos e geográficos, por exemplo. Contextualizamos as informações contidas no texto escrito; notamos ainda elementos gramaticais que juntos produzem significado. Sobre as imagens, efetuamos leitura de alguns elementos técnicos da fotografia; e deste modo, fazemos uma análise separadamente e em conjunto dos textos (imagem e legenda).

Contemplação



Foto 1: Nagasaki – “Cerimônia lembra o aniversário de 65 anos da bomba atômica de Nagasaki, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. A cerimônia pediu aos poderes mundiais para abandonarem as bombas nucleares.” Foto: Kyodo/Reuters.

Fonte: <http://g1.globo.com/fotos/fotos/2010/08/imagens-do-dia-9-de-agosto-de-2010.html>.

A fotografia *Nagasaki*, identificamos uma platéia numerosa em primeiro plano assistindo a uma cerimônia, que seria provavelmente em um país oriental, pois, ao centro, logo abaixo da estátua há uma pilastra pontiaguda onde estão escritos caracteres orientais. Além desse detalhe, há nos pontos de interseção direito e esquerdo inferior da imagem, bem como, ao centro, estruturas em cor predominantemente branca que remete a arte japonesa do origami, em formato de pomba, o símbolo da paz. Para completar a interpretação, encontramos no terço superior da imagem pombas sendo soltas.

Em seguida, quando lemos a legenda compreendemos com detalhes do que se trata o registro fotográfico. As pessoas estão reunidas para se lembrar de um desastre: “a bomba atômica de Nagasaki, no Japão”. Outra informação apresentada na legenda

justifica o símbolo da ave no evento: “A cerimônia pediu aos poderes mundiais para abandonarem as bombas nucleares”, caso não estivesse esse trecho expresso na legenda, não conseguiríamos deduzir, apenas observando a imagem. Porém, não está dita na legenda uma importante informação, o local onde ocorre a cerimônia é no Parque da paz de Nagasaki, a referência é a Estátua da Paz. A cada 9 de agosto faz-se uma declaração de paz ao mundo em frente à estátua que é o ponto principal do parque. O local foi construído para representar o desejo da paz mundial.

Assim, ao contrário do que é de costume, esta primeira imagem fotográfica é sim a respeito de conflito, esta cerimônia apenas estaria acontecendo com o fato da Segunda Guerra Mundial e a existência de bombas nucleares. Portanto, imagem e legenda demonstram não só um conflito, e sim, dois conflitos, um no passado há mais de 65 anos, e outro caso conflituoso que é o fato das grandes potências mundiais ainda discutirem sobre abandonar ou não as bombas nucleares.



Foto 2: Sapatos – “Para lembrar vítimas da 2ª Guerra Mundial, 6.830 pares de sapatos são expostos em praça na China.” Foto: Reuters.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/fotos/2010/08/imagens-do-dia-15-de-agosto-de-2010.html>

Na foto 2 vemos apenas sapatos chineses, no entanto: onde estão os donos desses sapatos, eles ainda existem?

O que vemos na fotografia é quase que um exército de sapatos, todos em ordem, enfileirados, criando linhas diagonais, verticais, horizontais que parecem convergir dependendo do modo como olhamos para o quadro da imagem.

Apenas contemplando a imagem fotográfica, podemos afirmar que os sapatos foram propositalmente organizados, posicionados. Outro detalhe importante para a nossa leitura visual é o plano de fundo da imagem formado por pessoas em uma grande

fila. Utilizando as pessoas e os sapatos, o fotógrafo aplica uma perspectiva que nos deixa construir opticamente formas, uma grande seta, ou até mesmo um triângulo. Ou seja, nesta imagem se formam desenhos.

Complementando o nosso raciocínio, Busselle (1977) fala:

Um desenho não é nada além da repetição de uma forma plana, exista ou não ordem ou simetria na imagem. O desenho repetido ressalta a tensão existente entre os elementos abstratos e funcionais de uma fotografia, sendo a imagem então encarada, ao mesmo tempo, como um desenho decorativo de formas planas e como uma imagem de objetos tridimensionais. (Busselle, 1977, p. 26).

Paulatinamente, ao lermos a legenda temos a certeza de que os sapatos foram “expostos” de forma estratégica com a intenção de “lembrar vítimas da 2ª Guerra Mundial”, a partir da complementação da legenda, temos a certeza de que – pelo menos simbolicamente – os donos dos sapatos não mais existem, eles foram mortos em um conflito (a Segunda Guerra Mundial) e ainda que, o fato desses sapatos estarem expostos “em Praça na China” mostra que a temática do conflito também pode está presente nas instalações⁶.

No sentido de lembrar os mortos e sobreviventes de desastres, as duas primeiras legendas e imagens rememoram um grande conflito mundial. Mesmo depois de cessado o confronto, este passa a ter suas repercussões, sendo então pautado pelo fotojornalismo. “Ao longo do desenvolvimento do fotojornalismo, a guerra sempre ocupou papel de destaque, bem como tema voltado para o social e as misérias humanas, seja com intenção de informar, chocar ou mobilizar a sociedade. Dessa forma, vários precursores do fotojornalismo anunciaram a tendência que se consolidou de retratar situações que envolvem dor e sofrimento humano”.” (VASCONSELOS, 2009, p.26).

O conflito é algo que está presente no seio da sociedade, ocorrendo em todas as épocas, desde os primeiros traços da existência do homem e sua formação dos primeiros

⁶ A permanência da Instalação é um fenômeno destacável na Arte Contemporânea, sendo uma das mais importantes tendências atuais. A instalação, na Contemporaneidade tornou-se mais complexa e multimídia, enfatizando a espetacularidade e a interatividade com o público. As combinações com várias linguagens como vídeos, filmes, esculturas, performances, computação gráfica e o universo virtual, fazem com que o público se surpreenda e participe da obra de forma mais ativa, pois ele é o objeto último da própria obra, sem a presença do qual a mesma não existiria em sua plenitude. (<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/instalacao.html>).

grupos de sociedade organizada. As três fotos a seguir apresentam à temática do Conflito de três modos distintos.



Foto 3: Pedras – “Demolição de barracos em uma favela erguida em área privada perto de Manila provoca confronto entre moradores e a polícia local.” Foto: Romeo Ranoco / Reuters.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/fotos/2010/08/imagens-do-dia-112-de-agosto-de-2010.html>

Contra quem estes homens estão atirando pedras e por quê? Não é possível responder esta pergunta, pois o fotógrafo, Romeo Ranoco, no fervor do momento, preocupou-se em registrar apenas os jovens que atiram as pedras, a impressão causada é que eles estão atacando, alguns se preocupam em esconder o rosto para não serem identificados, e por que o medo? Outra falha é que a legenda não diz que Manila é a capital das Filipinas.

Alguns móveis estão encostados ao muro. O Conflito está estampado na imagem fotográfica, mas, parcialmente, pois só por meio da legenda obtemos a informação de que a imagem narra um “confronto entre moradores e a polícia local”, daí o porquê dos rostos cobertos. O motivo dos móveis é a “Demolição de barracos em uma favela erguida em área privada perto de Manila”. Este é um conflito direto do homem contra o homem, gerado pela indignação de perda de suas moradias.

Com relação a foto 4, de imediato, surge uma “brincadeira de criança”, pois é isso que nos possibilita identificar em uma análise superficial, no entanto, neste conflito está presente de forma implícita; o cotidiano das pessoas – principalmente o das crianças – foi alterado devido à existência de conflitos. A descontração das crianças para lente da câmara engana, por trás deste recorte existe o “medo de ataques”. Estamos falando do “subúrbio de Manila” onde “jovens filipinos lotam motos e sidecars na hora de ir para casa.”.



Foto 4: Motoca – “Com medo de ataques no subúrbio de Manila, jovens filipinos lotam motos e sidecars na hora de ir para casa.” Foto: AFP Photo.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/fotos/2010/08/imagens-do-dia-11-de-agosto-de-2010.html>

A legenda na foto 4, inversamente á imagem, nos fala tudo o que não pensaríamos; uma realidade construída com o medo dos conflitos. Se não houvesse a legenda pensaríamos que estão todos felizes, andando tranquilamente nas ruas, ou seja, mais um momento de descontração. Não obstante, por isso o texto escrito é fundamental para entendermos a conjuntura vivida pelos jovens filipinos. Esses jovens estão tentando prevenir os ataques, já o conflito da foto 5 é imprevisível e não se tem como prevenir.



Foto 5: Bomba – “Um especialista em bombas inspeciona um carro destruído após a explosão na província de Narathiwat, Tailândia, ao sul de Bangcoc.” Foto: Reuters.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/fotos/2010/08/imagens-do-dia-11-de-agosto-de-2010.html>

Bomba. O nome nos remete a imagens mentais de destruição, explosões, atentados e conseqüentemente mortes. Se observarmos, de maneira bem minuciosa a roupa do homem que pretende abrir (ou fechar) o capô do carro, é possível concluirmos que mesmo já ocorrido explosão, ainda há perigo no local, pois a roupa que individuo está vestindo é mais um equipamento de segurança para os profissionais que combate a

violência ao extremo, ou seja, não é um traje convencional, a ser utilizado em qualquer momento, tão pouco ser utilizado por qualquer indivíduo na sociedade.

Um detalhe na fotografia nos chama a atenção e nos faz pensar que o fato ocorreu em algum país asiático, pois, em meio ao ambiente de cores sóbrias, no canto direito superior da imagem há uma espécie de anúncio colorido, no qual existe um homem com feições asiáticas fazendo a propaganda de um produto, talvez algum cosmético masculino. A legenda nos esclarece nossas suposições, como é “Um especialista em bombas” que está cuidando do carro, subentendemos que a explosão foi causada por uma bomba, e ainda, comprova a suspeita do acontecimento ter ocorrido em um país asiático; “província de Narathiwat, Tailândia, ao sul de Bangcoc”.

Considerações Finais

Enquanto a imagem tende a universalizar, a legenda identifica o evento e localiza-o no mundo. As legendas que integram as imagens se comportam de várias maneiras: ressaltam elementos na imagem fotográfica; complementam a mensagem visual; apontam o significado da fotografia, mostrando ao leitor o que está sendo representado, e em certas circunstâncias, são redundantes com relação à imagem.

Salientamos que, algumas das legendas estudadas pecaram, também, por não esclarecerem as dúvidas suscitadas pela imagem, descrevendo apenas o acontecimento e não fornecendo informações adicionais, sobre o contexto registrado. Percebemos ainda, que semanticamente as legendas expressam uma circunstância de tempo presente, fator positivo na elaboração destas.

Ao contrário do que poderíamos deduzir por imagens que representam conflito, (de determinada maneira), estas imagens do Portal de notícias G1 não focam no sensacionalismo, deste ponto a ética não fugiu. O conflito é presente nas imagens não só quando o ser humano está envolvido em situações de agitação ou tumulto, mas também, quando este está rememorando, remediando, prevenindo ou produzindo o ato de conflito. Os conflitos representados são resultantes da agressão do homem a natureza, da intolerância com as diferenças de ideologia/pensamento, e das desigualdades socioeconômicas.

As imagens e legendas foram estudadas pela perspectiva da temática do Conflito, contudo, compreendemos durante o estudo que é possível realizar outras

abordagens, sendo o Conflito uma escolha metodológica particular, pois, “Na fotografia de guerra é possível observar novas escritas fotográficas, capazes de suscitar questões relacionadas às barbaridades dos conflitos no mundo contemporâneo” (LOMBARDI, 2011, p.21).

Por fim, o acontecimento; o contexto que envolve o acontecimento; as técnicas fotográficas utilizadas para registrar o fato; os recursos do equipamento fotográfico; as informações presentes na legenda, bem como a forma como estas informações estão dispostas na legenda, são fatores que podem colaborar no processo de análise das imagens fotojornalística, nos mais diversificados contextos da sociedade.

Cada fotografia legendada trata do conflito por um aspecto distinto; profissionais de comunicação determinam e selecionam as fotos que são essenciais para representar o mundo todos os dias, imagens que, mesmo repletas de significados acabamos não percebendo e nem conseguindo ler devido a rapidez e obsolescência das coisas do mundo atual. Assim, a imagem fotográfica e as legenda são cada vez mais abundantes, no entanto, não significa que estão atuando efetivamente como mediação entre o interpretante e os fatos ao seu redor.

Referências

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. 13ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- BAITELLO JR, N. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som* (p.319-342). 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BUSSELLE, Michael. *Tudo sobre fotografia*. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1977.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia da comunicação*. São Paulo: Cosac Naif, 2007.
- LOMBARDI, Kátia Hallak. *Fotografias de conflito: o que permanece?* Discursos Fotográficos, Londrina, v.7, n.11, p.13-32, jul./dez. 2011.
- KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- _____. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem – cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras. 2008.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: uma guia para estudantes de graduação*. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Porto. 1998. Disponível em: <
http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-jorge-pedro-istoria_fotojorn1.html>.
Acesso em: 30 de abril. 2012.

VASCONCELOS, Janaina Dias. *Fotojornalismo: dor e sofrimento: estudo de caso do World press photo of the year 1955-2008*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em:
http://www.dopdfdownload.com/pdf/download/estudogeral__sib__uc__pt--bitstream--10316--13377--1--Tese_mestrado_Janaina%20Dias%20Barcelos.pdf

Outras Referências

BARBOSA, Gustavo & RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de comunicação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001

MANUAL DE REDAÇÃO: Folha de S. Paulo. São Paulo: Publifolha, 2007.

Sítios Eletrônicos

<http://g1.globo.com/> Acesso em: 05 abril. 2012.

<http://www.globo.com/> Acesso em: 05 de abril. 2012

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/instalacao.htm> Acesso em: 28 abril. 2012.